

DIFERENTES ENUNCIÇÕES DE EDUCAÇÃO CONTINUADA: A FALA DE PROFESSORES DA ESCOLA BÁSICA¹

FELDKERCHER, Nadiane - UFSM
nadianefel@yahoo.com.br

FREITAS, Deisi Sangoi - UFSM
deisif@gmail.com

AIMI, Daniela da Silva - UFSM
daniaimi@gmail.com

HENRIQUES, Cecília Machado - UFSM
ceciliamhenriques@yahoo.com.br

Área Temática: Educação: Profissionalização Docente e Formação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no curso de especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria. A temática desenvolvida neste trabalho é a educação continuada de professores. Os objetivos do trabalho foram identificar as concepções dos professores sobre educação continuada e investigar o que esses e suas escolas estão fazendo em relação a mesma. Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no contexto do Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero e que teve como colaboradores seus professores participantes. Utilizamos questionários e entrevistas como instrumentos de coleta de informações. Para subsidiar as análises usamos como suporte teórico estudos sobre os temas: formação de professores, educação continuada de professores, políticas públicas e organização escolar. A partir desses estudos e informações obtidas, foram problematizados os seguintes elementos: formação inicial do profissional professor (FUSARI; FRANCO, 2005; IMBERNÓN, 2005), educação continuada (FUSARI; FRANCO, 2005; ALBUQUERQUE, 2006), aspectos da dinâmica de execução de iniciativas de educação continuada (MOREIRA, 2002), políticas públicas referentes à educação continuada (BRASIL/LDB, 1996), relação entre educação continuada e mudança da prática pedagógica (TURNES, 2006; SALVAGNI, 2007) e, educação continuada de professores na própria escola (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003; IMBERNÓN, 2005, MOREIRA, 2002). Dentre os resultados encontrados, destacamos que a participação em iniciativas de educação continuada por si só não educa o profissional professor e que é imprescindível que o mesmo a deseje, ou seja, que esteja disposto a auto-formação. Apontamos ainda que é possível planejar e desenvolver educação continuada no próprio ambiente de trabalho do professor e que, assim sendo, a escola passa a ser um ambiente de reflexão conjunta dos professores, uma escola aprendente.

¹ Este artigo foi elaborado a partir da monografia de especialização em Gestão Educacional intitulada “Educação continuada na fala de professores” de autoria de Nadiane Feldkercher.

Palavras-chave: Educação continuada de professores; Políticas públicas; Educação continuada na escola.

1. Introdução

O trabalho aqui apresentado é uma pesquisa desenvolvida no curso de especialização em Gestão Educacional e teve como foco a educação continuada de professores. O campo da coleta de informação desta pesquisa foi o Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero desenvolvido de março a agosto de 2007 e promovido pelo Núcleo de Atividades Especiais de Extensão e Serviços, do centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria e pelo Grupo INTERNEXUS. Este Curso, voltado à educação continuada de professores da escola básica, teve o apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC) e integrou o Programa Brasil Sem Homofobia e o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, o que caracteriza um cenário de mobilização nacional para questões de violência sexual.

Como instrumentos de coleta de informações utilizamos questionários, diário de campo e entrevistas semi-estruturadas. Os professores colaboradores da pesquisa (identificados pelas duas letras iniciais de seus nomes) foram os participantes do referido Curso. Os objetivos neste artigo são os de identificar os entendimentos dos professores participantes do Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero sobre educação continuada e; investigar o esses e suas escolas estão fazendo em relação à educação continuada. Trata-se portanto de um estudo de caso com uma abordagem qualitativa.

2.1 Formação inicial de professores

A formação inicial para Fusari e Franco (2005) pode se desenvolver por meio do magistério em nível superior, licenciatura ou bacharelado. Segundo esses autores, ela é composta por tudo aquilo que ocorre antes do profissional se integrar no mercado de trabalho ou seja, são todos os cursos e estudos feitos concomitantemente à graduação. Conforme afirma Imbernón (2005, p. 65) a formação inicial do professor “*deve preparar para uma profissão que exige que se continue a estudar durante toda a vida profissional, até mesmo em âmbitos que, nesta etapa de sua formação, nem sequer suspeitam*” portanto, a educação profissional do professor é um contínuo. Essa idéia é expressa na fala dos professores

colaboradores, como no fragmento narrativo que segue: *“tu não estás estagnado: saiu da graduação pronto, estou com a minha caixinha”* (St); *“sair da graduação e achar que tu tens a tua formação profissional e parou por ai não existe”* (Mo).

A formação do professor envolve a formação inicial e a educação continuada: *“educação continuada é [...] quando tu sai da graduação, aquela procura que tu tem de estar sempre estudando, buscando informações, procurando te atualizar, sempre buscando novas formas...”* (St); *“é aquilo que tu busca pra continuar um conhecimento que tu paraste”* (El); *“vem complementar o que eu já havia lido, algumas coisas que eu já havia feito”* (Ja).

O estudo permanente é, então, intrínseco na profissão professor; a educação continuada faz parte da íntegra do trabalho do professor (MARIN, 2007) ou ainda, *“o professor não pode parar de estudar. O professor que parar de estudar ou qualquer outro profissional, pega a tua malinha e te enterra, tu está morto, te enterra”* (Ei).

2.2 Educação continuada na fala de professores

Entendemos que a educação continuada

é uma exigência da atividade profissional no mundo atual não podendo ser reduzida a uma ação compensatória de fragilidades da formação inicial. O conhecimento adquirido na formação inicial se reelabora e se especifica na atividade profissional, para atender a mobilidade, a complexidade e a diversidade das situações que solicitam intervenções adequadas. Assim, a formação continuada deve desenvolver uma atitude investigativa e reflexiva, tendo em vista que a atividade profissional é um campo de produção do conhecimento, envolvendo aprendizagens que vão além da simples aplicação do que foi estudado. (BRASIL, 2007b, p. 2)

A educação continuada não é uma compensação de uma má formação inicial mas sim, um processo de reelaboração de idéias, de estudo, de reflexão e de investigação da prática pedagógica para que assim se possa produzir novos conhecimentos.

Existem ao menos três maneiras de se perceber a educação continuada:

como compensação de deficiências iniciais, isto é, a ela compete “repor” conhecimentos, atitudes e habilidades que careceram ou não foram trabalhadas na formação inicial. Outra seria a formação contínua como atualização do repertório de conhecimentos superados e envelhecidos pelo desgaste do tempo; ou, ainda, a formação contínua como elemento de aperfeiçoamento dos conhecimentos, ou seja, aperfeiçoar aquilo que o sujeito já sabe, mas ainda precisa aprofundar. (FUSARI; FRANCO, 2005, p. 1).

Após o estudo de vários autores, Albuquerque (2006) lista onze (11) diferentes termos que são utilizados como sendo sinônimos da educação continuada. Os professores colaboradores da pesquisa ao se referirem a educação continuada utilizaram-se de diferentes terminologias apontadas por Albuquerque (2006) porém, acreditamos que estes professores

não possuem o mesmo entendimento que a autora para as mesmas. Os termos identificados usados para se referir a educação continuada segundo estudo de Albuquerque (2006) são os seguinte:

Reciclagem: reaproveitamento de conhecimentos que já se tem.

Treinamento: repetição de alguma atividade para que se modifique determinado comportamento.

Qualificação: visa melhorar apenas algumas qualidades do profissional. Essa terminologia foi identificada na seguinte fala de um professor *“eu acho que para o bom professor/profissional, todo o dia é o dia de qualificar. E quanto melhor tu se qualificar, acredito que melhor tu vai conseguir entrar em uma sala de aula, se deparar com problemas e conseguir superá-los”* (Lu). Essa fala não se refere a melhoria de apenas algumas qualidades do professor pois para enfrentar e superar os problemas da prática pedagógica é necessário ter desenvolvido muitas qualidades, muitas competências².

Capacitação: imposição de materiais/modelos, parte do princípio de que os profissionais são incapacitados ou seja, eles não tem capacidade para tal.

Aperfeiçoamento: assume o professor como um profissional imperfeito, falho e que, portanto, necessita ser reajustado à escola dos novos tempos.

Atualização: atividade que apenas repassa informações ou seja, é algo informativo. Muitos professores, ao serem perguntados o que entendiam por educação continuada usaram a expressão atualização para fazer sua explicação: *“é todo o dia se atualizar”* (Jo); *“se atualizar. [...] Isso pra mim é educação continuada, estar sempre buscando, sempre se atualizando, buscando novos horizontes”* (Ei); *“acho que é a busca da atualização do professor”* (Ja); *“estou sempre preocupada com a questão da educação e por isso procuro me atualizar”* (El). Porém, o uso do termo atualização pelos professores não significa que os mesmos entendam a educação continuada apenas como uma atividade que repassa informações. Albuquerque (2006) assenta que a atualização apenas informa e por isso pode vir a não construir conhecimentos. Um dos colaboradores reconhece que existem atividades com esse caráter ao expressar que *“a palestra é estanque, não constrói. Ela é algo pra esclarecer ou informar. Para ser algo construtivo deve ter continuidade”* (So).

²Ver PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para uma nova profissão. In: **Pátio**: Revista pedagógica. Porto Alegre, n° 17, Maio-Julho 2001. p. 8-12.

Aprofundamento: atividade que objetiva torna mais profundos alguns conhecimentos prévios. Para alguns professores colaboradores educação continuada “*é cada vez se aprofundar mais*” (Da) ou ainda ela “*contribui para com o conhecimento que eu tenho*” (Jo); “*com o curso começo a me lembrar de algumas leituras*” (Ja). Essas falas trazem a expressão aprofundamento mas não significa que esses professores acreditam que a educação continuada aprofunde somente alguns assuntos específicos, ou seja, ela trabalha com o desenvolvimento integral do profissional professor e não fragmenta os conhecimentos, trabalha-os como um todo.

Profissionalização: busca de um título ou diploma por profissionais leigos que estão em serviço.

Formação permanente: é uma formação geral em que se considera o professor sempre atrasado em relação às mudanças na sociedade.

Desenvolvimento profissional: cursos de curta duração que consideram os aspectos pessoais do docente ou seja, não consideram o docente apenas como um profissional, mas como alguém com sonhos, anseios e falhas.

As nomenclaturas citadas até agora são todas atividades momentâneas que visam a eficiência e a eficácia (ALBUQUERQUE, 2006). Por não acreditar nessas atividades, essa autora defende a idéia de **formação contínua** entendendo essa como um processo desenvolvido no decorrer da carreira profissional docente ou seja, é a formação como um continuum.

As expressões presentes nas entrevistas e questionários foram qualificação, atualização e aprofundamento e não foram referidas as nomenclaturas reciclagem, treinamento, capacitação, aperfeiçoamento, profissionalização, formação permanente, desenvolvimento profissional e formação contínua. Acreditamos ser importante esse registro pois as ausências e silêncios são tão significativos como informações quanto as presenças, ênfases e repetições.

Optamos pela expressão **educação continuada** porque acreditamos que essa é uma denominação mais ampla, que contempla todas as outras terminologias. A educação continuada, a nosso ver, considera todos os processos de desenvolvimento do profissional professor e é uma denominação mais aberta no sentido de não educar para um modelo, para uma forma mas, educar para o desenvolvimento do professor como um todo.

A educação continuada é ainda, um processo contínuo, uma proposta que se desenvolve ao longo de toda a carreira docente (MOREIRA, 2002) ou seja, é permanente a

vida profissional do professor. De acordo com as palavras de um professor colaborador “*a educação continuada está longe daquilo que o conhecimento ou o saber estão prontos, que eu sou dona da verdade, que eu sei tudo e que eu não preciso me atualizar, que eu não preciso buscar alternativas, outras formas de passar a minha mensagem*” (Ja).

2.3 Políticas públicas e educação (des)continuada

São muitas as políticas públicas educacionais que fazem referência a educação continuada de professores. Dentre estas, a Lei 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. O artigo 67º desta lei menciona que

os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público [...] aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim. ” (BRASIL, 1996, p. 23)

E no seu artigo 87º, inciso 3º esta lei institui que “*cada Município e, supletivamente, o Estado e a União, deverá [...] realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação à distância*” (BRASIL, 1996, p. 29).

A Resolução nº 3/1997, que fixa as Diretrizes para os Novos Planos de Carreira e de Remuneração para o magistério público, resolve que os Novos Planos de Carreira devem estimular a qualificação tanto inicial quanto continuada dos professores (BRASIL, 1997).

O Plano Nacional da Educação (PNE, Lei 10.172/2001) sugere que se criam parcerias entre os responsáveis por coordenar, financiar e manter a educação continuada e as universidades e instituições de ensino superior para se por em prática os projetos de educação continuada de professores (BRASIL, 2001).

A Lei 11.494/2007 (Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB) determina que os Planos de Carreira dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios “*deverão contemplar capacitação profissional especialmente voltada à formação continuada com vistas na melhoria da qualidade do ensino*” (BRASIL, 2007a).

Além dessas leis nacionais, em nível de estado do Rio Grande do Sul, temos a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, o Plano Estadual de Educação e o Estatuto e Plano de Carreira do Magistério Público do Rio Grande do Sul que fazem referência a educação continuada de professores. A observação ou cumprimento destas leis estaduais de

dá de diferentes maneiras. Um dos professores colaboradores relata que em nível de Estado, pelo Plano Estadual de Educação, os professores têm garantidos os dias de formação que estão inclusos nos seus dias de trabalho. Diz ainda que “*normalmente a coordenadoria de educação elabora um programa ou oferece alternativas para esses dias de formação*” (So).

A Lei 9.394/96, a Resolução nº 03/97 e o PNE estipulam também que de 20% a 25% da carga horária dos professores devem ser destinadas a estudos, reuniões pedagógicas, planejamentos e avaliações. Portanto, perante as leis, os professores têm garantido suas horas inclusive para a sua educação continuada.

Essa menção a educação continuada de professores nessas políticas pode ser encarada de duas maneiras: por um lado, como uma possibilidade da educação profissional como um continuum mas por outro, como uma obrigação na medida em que por meio da educação continuada os professores são promovidos na carreira.

Em nenhum momento da pesquisa perguntamos aos professores colaboradores sobre certificação ou promoção na carreira porém, esses aspectos foram marcantes em suas falas. Seguem alguns fragmentos narrativos das entrevistadas com os professores que revelam esses aspectos: “*quanto mais cursos mais assim chances de ser promovido, de mudar de classe*” (So); “*geralmente a gente faz um curso internacional porque é o peso máximo*” (Ei);

“muitos colegas dizem que estão fazendo o curso só pra poder subir de nível. Então assim: assistem um pouquinho das palestras e vão embora. E se vê muito professor fazendo isso. E geralmente a escola quando oferece esses cursos já é com essa intenção de dar um certificado ao professor” (Mo).

As políticas públicas educacionais por si só não efetivam a verdadeira educação dos educadores ou seja é preciso primeiro desejar essa educação e posteriormente planejá-la pois, conforme Marin (2007), a educação continuada não é qualquer atividade que se faça, ela deve ser planejada e conter objetivos claros. Isto significa compreender o processo dentro de uma categoria mais ampla, como uma auto-formação que requer um comprometimento consigo mesmo. Não estamos nos referindo ao ato de pagar um curso (que entendemos dever do Estado no tocante ao investimento em recursos humanos) mas sim, de sujeitar-se a um processo de transformação.

Para tanto, muitos autores como Imbernón (2005), Libâneo; Oliveira; Toschi (2003), Alarcão (2003), Moreira (2002) e Nóvoa (200-) sugerem que a educação continuada de professores seja incluída no Projeto Pedagógico de cada escola. Em relação a isso, um dos professores colaboradores comenta:

“eu já trabalhei em cinco escolas do estado, todas elas tem um programa de formação e eu acredito que deve estar dentro da proposta político pedagógica de cada escola. Esse programa já tem destinado tantos dias pra formação e então cada direção, ou setor administrativo da escola, junto com o SOE, com toda a equipe fazem sugestões e trazem alternativas de formação” (So).

Se a educação continuada for desejada e planejada no próprio ambiente escolar, os impasses e os problemas referentes a educação docente não serão mais enfrentados apenas pelos decretos e normas mas sim, pelo cotidiano da vida escolar, pela escola e seus profissionais (GATTI, 2000).

2.4 Aspectos relevantes na dinâmica de execução de uma educação continuada

Após um estudo, Moreira (2002) aponta que as principais dificuldades dos professores em relação à educação continuada são a falta de recursos financeiros, a falta de tempo, a distância entre o local do curso e o local de moradia, a falta de transporte coletivo para o local e a falta de oferta de cursos no município em que vivem.

Os professores colaboradores desta pesquisa, que são participantes de iniciativas de educação continuada visto suas participações no Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero, destacaram que existem alguns critérios relevantes para a escolha do curso como também na dinâmica de execução do mesmo. Eles destacaram que a gratuidade foi um aspecto levado em consideração quando da escolha do curso. Os mesmos mencionam: “*fiz o curso porque eu vi um monte de papel lá e escolhi esse porque não precisava pagar*” (Jo); “*eu acho importantíssimo a oferta de cursos gratuitos, ainda mais pra nós do magistério público*” (Mo); “*sempre vem a questão: quanto que eu vou pagar?*” (Ei).

A questão dos horários do desenvolvimento do curso também surgiu na fala do professores. Um dos professores, fazendo referência ao curso que participava (Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero), expõe que

“esse curso nos deu a oportunidade de se agendar, se organizar, avisar a escola pois, sendo uma vez por semana, deu espaço pra gente fazer as nossas atividades com tranquilidade, não precisando dedicar uma semana inteira pro curso - manhã e tarde.” (Jo).

A dependência pelo transporte público também foi identificada na fala dos professores quando um desses conta:

“eu pego ônibus na universidade para retornar pra casa depois do curso e desço na Riachuelo. Quando chego ali, vinte pras onze ou dez e meia, é uma escuridão, não tem uma viva alma. Ali eu tenho que esperar que venha outro ônibus e por vezes saio dali dez pras onze e chego em casa onze e quinze, onze e meia. Mas eu faço tudo isso com maior carinho” (Ei).

A metodologia adotada pelo curso de educação continuada, segundo os professores, é um dos aspectos levados em consideração quando da avaliação que os mesmos fazem do curso. O Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero, por adotar uma metodologia diversificada, com dinâmicas, oficinas, intervenções artísticas, relato de experiências, palestras, “*deu um up no curso [...] motivou, renovou a energia*” (So).

Esses professores revelam ainda que preferem cursos que os motivam a se envolverem nas atividades, que tenham atividades práticas, que não seja desenvolvido através de leituras por parte dos palestrantes e que tenham espaços para discussões e debates dos temas

propostos por parte dos participantes. Sobre esses aspectos os professores colaboradores sugerem que *“ao invés da leitura por parte do palestrante seria mais interessante uma conversa sobre experiências”* (So) e acreditam que *“o professor deve colocar-se em condição de debater, de expor suas idéias e não somente ouvir o que está sendo posto”* (Gl). Nos fragmentos citados há claramente uma crítica sobre um formato muito freqüente em nossos cursos dos/nas Instituições de Ensino Superior para a escola básica. Nesses fragmentos de falas também transpareceu uma compreensão do que os mesmos entendem por educação continuada, compreensão essa que em sua maioria não referenda a auto-formação.

Por outro lado, os professores sempre criam expectativas em relação ao curso do qual vão participar e, segundo eles, *“sempre tem alguém que a gente espera mais e às vezes esse alguém não corresponde com as expectativas e há outros também que você não esperava e surpreendem”* (So). Porém, segundo Esteve (2006) o pior problema é a idealização do curso ou seja, os professores esperam que no curso possa ser apreendido o que o bom professor deve fazer, o que deve pensar e o que deve evitar. Entendemos que as atividades de educação continuada não são cursos mágicos *“capazes de sanar todas as dúvidas e produzir uma receita também mágica, que faça os professores em exercício aprenderem de uma hora para outra”* (MOREIRA, 2002, p. 75). Porém, muitas vezes, é isso que esperam os professores participantes dessas iniciativas, o que se pode perceber na seguinte fala: *“isso a gente já sabe, queremos saber o que precisamos fazer”*(Ma).

Nenhum tipo de educação traz as receitas para as práticas do professor pois cada prática tem suas particularidades, cada professor possui as sua bagagem cultural e, portanto, a educação, inclusive a continuada, é singular e particular a cada profissional (TURNES, 2006). O professor em educação continuada deve perceber que ele próprio é o principal sujeito da sua educação (MOREIRA, 2002) ou seja, ele é o principal protagonista do seu desenvolvimento, do seu aprendizado. Alguns professores colaboradores percebem que eles são os responsáveis por sua educação e devem estar dispostos a isso: *“no momento que eu escolhi o curso eu assumi o compromisso”* (Jo); *“tu precisa te envolver”* (Ei); *“a gente deve se dispor”* (So). Aqui se faz presente a perspectiva auto-formativa, aspecto desejável, no nosso entender, em qualquer proposta educativa.

2.5 Educação continuada para quê?

Um dos objetivos da educação continuada é contribuir para que o professor modifique a sua prática pedagógica ou seja,

propor novas metodologias e colocar os profissionais informados quanto às discussões teóricas atuais, com a intenção de contribuir para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da ação pedagógica na escola. (MOREIRA, 2002, p. 55)

Porém, um programa de educação continuada por si só não garante as mudanças na prática escolar (TURNES, 2006). Libâneo; Oliveira; Toschi (2003) ressaltam que a maior dificuldade da educação continuada é provocar a mudança na prática pedagógica dos professores envolvidos nesse processo.

No nosso entendimento essa mudança não ocorre por, pelos menos, dois motivos: primeiro porque cada professor possui os seus recursos pessoais, a sua bagagem cultural e dará um significado próprio para aquilo que está sendo desenvolvido no curso de acordo com a sua disposição e, segundo, porque cada escola possui uma cultura, ou seja, *“cada escola apresenta características singulares e elas são promotoras de mudanças ou permanências”* (TURNES, 2006, p. 53-54). A mudança da prática pedagógica a partir de um curso de educação continuada é, então, dependente dos recursos pessoais de cada pessoa, do meio e das condições em que esta vive (SALVAGNI, 2007). Além disso, conforme resalta um professor, *“nem sempre a pessoa está preparada pra o que está sendo colocado”* (Ja) e assim, nem sempre estará disposta ou apta a modificar a sua prática pedagógica.

É muito difícil para o pesquisador identificar, em curto espaço de tempo, se a educação continuada suscitou ou não mudanças na prática pedagógica de um determinado professor. Precisamos desenvolver metodologias alternativas que indiquem tais mudanças³.

2.6 A escola como *locus* de educação continuada de professores

A escola, conforme vários autores (IMBERNÓN, 2005; LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003; ALARCÃO, 2003; MOREIRA, 2002; NÓVOA, 200-), pode se tornar o *locus* da educação continuada de seus profissionais. Cada escola possui suas características, particularidades, rotinas e assim sendo, o modo mais prático para se considerar essas

³ Trataremos disso em artigo intitulado “Pesquisando a prática pedagógica a partir de cursos de Educação Continuada”

singularidades nos processos de educação continuada é realizando-a na própria escola. A educação continuada na escola

pede que o formador desça a terra e perceba que seu discurso se dirige a um coletivo, que sua proposta de formação dialoga com o cotidiano escolar e não apenas com os desejos individuais e utopias desse ou daquele professor. (BELINTANE, 2003, p. 23)

O que acontece muitas vezes é que os professores somente consideram a educação continuada na escola quando existe uma pessoa que vem de fora ou seja, se um especialista estranho aquele ambiente vier trabalhar com os professores: *“aqui na escola vinha uma professora lá da Universidade para nos ajudar a ajustar a EJA. Ela veio várias vezes, ajudou-nos muito. Ela fazia educação continuada conosco”* (Jo); *“aqui na escola vinha um professor de quinze em quinze dias”* (Ei).

A fala do colega professor não tem o mesmo valor do que a fala daquele profissional que não pertence aquele meio. Acreditamos que este é um entendimento arriscado porque o professor da escola também possui conhecimentos que podem ser apreendidos pelos colegas como também o professor “de fora” pode não desenvolver um trabalho propício para que realmente ocorra uma educação ou seja, o sucesso desse trabalho depende da postura adotada pelos professores envolvidos. Trata-se de uma questão de autoridade e competência? Ou de autorização - no caso auto-autorização para falar se seu próprio fazer e organizar grupos de estudos frente aos problemas enfrentados na escola.

Porém, apostamos que os professores também devem participar de cursos desenvolvidos fora de sua escola para poderem olhar e refletir sobre suas práticas pedagógicas a partir de outro ponto de vista, de outra realidade. A participação em eventos fora da escola evita que o professor tenha um olhar viciado para com o seu fazer. Outro ponto de vista é o de *“a participação em eventos fora é muito importante, pois oxigena o interior da escola”* mas é necessário que após essa participação seja realizada uma reflexão e socialização interna caso contrário *“muita riqueza se perde”* (HENGEMÜHLE, 2004, 164). Essa reflexão conjunta torna possível um fazer coletivo pois, através da socialização e discussão, os professores têm a oportunidade de transformar as informações do curso em conhecimentos para serem aplicados na sua realidade ou seja, em suas práticas pedagógicas.

Assim como as posições dos pesquisadores, as posturas adotadas por cada escola em relação à educação continuada de seus professores também se diferencia.

Em uma escola são promovidas palestras, debates e discussões sobre várias temáticas relevantes para aquele contexto educacional (Ja) e, segundo o professor “Jo”, esta escola não impõe os programas de educação continuada mas sim, “*traz possibilidades*”.

Na outra escola em que o professor “Ja” atua, conforme seu relato, não existem iniciativas e nem estímulo a educação continuada de professores sendo que os mesmos têm de procurar por conta própria tais iniciativas:

“Em uma das escolas que eu trabalho infelizmente não é oportunizada a educação continuada e isso é complicado. Esse ano a gente não teve nenhuma reunião geral, conselho de classe, nada disso. E isso faz muita falta porque precisamos destes momentos para parar e refletir” (Ja).

Outra ainda oferece todos os anos internamente, aos professores e funcionários, um curso de educação continuada e ainda, os incentiva os mesmos a participar de cursos fora da escola:

“No início do ano nós colocamos três seminários que vão acontecer e deixamos livres para que os professores escolham [...] Então [...] a escola paralisa e conta como dia de formação. [...] Ai nós mandamos comunicação pros pais que naqueles dias os professores estarão em formação em tal lugar e que depois esses dias serão recuperados” (Ei).

Nesta escola, nas reuniões gerais dos professores, ocorre ainda a socialização dos conhecimentos advindos dos cursos de educação continuada (So, Ei).

Na escola em que o professor “El” leciona há momentos de estudo grupal, discussão de textos com temáticas relacionadas aos problemas enfrentados pelos professores em sua prática diária e, também, a equipe diretiva busca, divulga e incentiva os professores a participarem de cursos de educação continuada fora da escola.

A escola dos professores “Ma”, “Gl”, “An”, “Lu” e “Da” não oportuniza educação continuada no seu meio e nem os incentiva a participarem de cursos fora da escola, o que se percebe nos seguintes relatos: “*aqui no Colégio não tem educação continuada*” (Da); “*a escola não oferece*” (Ma); “*esse ano não saiu, nem ano passado, a gente faz por fora*” (Gl); “*a gente faz por interesse próprio*” (An); “*e desembolsa pra fazer*” (Da).

Já na escola de atuação dos professores “St” e “Mo” são promovidas palestras sobre várias temáticas, inclusive sobre anseios dos professores. Porém, segundo os mesmos essas iniciativas são vistas como um “*balaião*” pois “*tu tens que ir te encaixando onde dá*” (St) ou seja, são atividades somente informativas, fragmentadas por não terem vinculação com as temáticas já trabalhadas. Isso caracteriza a descontinuidade das atividades de educação continuada que mesmo avançando em alguns aspectos ainda necessitam serem revistas e problematizadas.

3. Considerações Finais

Nesse trabalho apontamos as concepções que os professores colaboradores da pesquisa apresentam sobre educação continuada e também, o que professores e suas escolas estão realizando em relação à educação continuada. Referente às concepções da educação continuada podemos dizer que os colaboradores, participantes do Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero, entendem-na como um processo permanente na trajetória do professor. Para se referirem à educação continuada esses professores fazem uso de terminologias como atualização, qualificação e aprofundamento porém, não a consideram como uma atividade fragmentada, que apenas informa, que diz respeito somente a um conteúdo ou que serve para suprir as lacunas de uma má formação inicial. Pelo contrário, todos os professores colaboradores enxergam a educação continuada como sendo um desenvolvimento integral do profissional professor, um processo de aprendizagem constante e ininterrupta.

Percebemos também que esses professores preocupam-se em se inserir em espaços que promovam a educação continuada. Todos eles procuram atividades de educação continuada o que é percebido também pelo fato de todos estarem participando do Curso de Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero. Quanto às escolas de atuação desses professores, algumas oferecem e oportunizam educação continuada e outras nada fazem. As primeiras criam espaços de educação continuada na escola ou divulgam cursos desse gênero aos professores, podendo ainda, fazer concomitantemente essas duas ações. Já as outras escolas, que não oferecem nem interna nem externamente a educação continuada a seus profissionais, deixam-nos procurar tais iniciativas por conta própria, o que denota certo abandono ou descompromisso por parte da organização escolar quanto à educação de seus profissionais.

Esta pesquisa apontou ainda para alguns aspectos que se destacam em relação à educação continuada de professores, a saber: a educação continuada é parte íntegra do trabalho do professor; as políticas públicas educacionais por si só não garantem a educação continuada; é necessário que o professor se torne o principal protagonista da educação continuada pois somente a participação em tais cursos não garante a verdadeira educação, segundo os professores, existem muitos aspectos importantes para com a dinâmica de execução de cursos de educação continuada; a mudança da prática pedagógica advindas da educação continuada é lenta e singular a cada professor e; é possível planejar e desenvolver a educação continuada no próprio ambiente de trabalho do professor.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. Gerir uma escola reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo, Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época; 103) cap. 4, p. 76-95.
- ALBUQUERQUE, Eliriane dos Anjos da Silva. **Formação continuada no serviço e inovações pedagógicas: campo dos possíveis**. 2006. 229p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- BELINTANE, Claudemir. Formação Contínua na área de linguagem: continuidades e rupturas. In: CARVALHO, A. M. P. de; et al. (org.). **Formação continuada de professores**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2003. p. 17-38.
- BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Lei Federal nº 9.394/96. Disponível em: <<http://www.unifesp.br/reitoria/reforma/ldb.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2007.
- BRASIL. **Diretrizes para os Novos Planos de Carreira e de Remuneração para o Magistério público** - Resolução nº 3/97. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0397.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2008.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação** – Lei 10.172/2001, 98p. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2007.
- BRASIL. **Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB)** - Lei 11.494/2007a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11494.htm>. Acesso em: 31 mai. 2007.
- BRASIL. **Pró-Letramento**: Programa de Educação Continuada de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Guia geral. 2007b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Proletr/guiageral.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2008.
- ESTEVE, José María. Identidad y desafíos de la condición docente. In: FANFANI, E. T. (Org.) **El oficio de docente: vocación, trabajo y profesión en el siglo XXI**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006, p. 19-69.
- FUSARI, José Cerchi; e FRANCO, Alexandre de Paula. A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político-pedagógico da escola. **Salto para o futuro**. Boletim 2005, 01 a 05 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/fcp/tetxt2.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2007.
- GATTI, Bernadete. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção formação de professores)
- HENGEMÜHLE, Adelar. Que professor? In: **Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ, 2004. cap.3, p. 133-164.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo, Editora Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época; v.77)

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

MARIN, Alda Junqueira. Formação continuada: usos e abusos. 2007. In: **Formação Continuada de professores em questão**. Mesa redonda realizada no Salão Imembuí da Universidade Federal de Santa Maria em 28 jun. 2007.

MOREIRA, Carlos Eduardo. **Formação Continuada de Professores**: entre o imprevisto e a profissionalização. Florianópolis: Insular, 2002.

NÓVOA, Antônio. Formação de Professores e Qualidade do Ensino. In: **Revista Aprendizagem** [200-]. p. 25-31.

SALVAGNI, Isandra. **Formação docente continuada e práticas educativas**. 2007. 102p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

TURNES, Maria Aparecida Hahn. **Formação continuada e mudanças nas práticas escolares**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.